

Carta do Editor

Mais uma vez retornamos com uma revista que, espero, agrade a todos. Temos procurado variar os temas e para isto a contribuição de nossos autores tem sido inestimável. Caso vocês tenham experiências em sala de aula, indicações de novos livros ou simplesmente quiserem informar a comunidade de algum evento que será realizado em sua escola ou região (ou quem sabe nos enviar um relato de evento já realizado), a FNE é o veículo apropriado para todos aqueles apaixonados por física em particular e ciência de um modo mais geral.

Gostaria de chamar a atenção de nossos leitores para um recente artigo de autoria de Cristiane Kampf intitulado “A educação superior na berlinda: o que não dizem as metas do novo plano?”. Neste artigo, disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=71&id=882>, Cristiane faz uma interessante discussão sobre o PNE que traz, entre outras coisas, a contribuição de nosso colaborador, o professor Otaviano Helene, professor associado da Universidade de São Paulo (USP) e ex-presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Transcrevo aqui uma frase do prof. Helene, sobre a qual acho interessante todos nós pararmos um pouco para pensar. Segundo o prof. Helene, as metas do PNE apenas não foram cumpridas como nos afastamos delas ainda mais. Nas suas pa-

lavras: “Em relação a várias metas, a situação da educação no país piorou nos últimos dez anos. No que se refere à educação superior, o que aumentou foi a privatização. O único item do Plano Nacional de Educação sancionado em 2001 que foi cumprido realmente foi a expansão da pós-graduação. Mas a meta da expansão da pós-graduação foi cumprida não por causa do PNE. Em nenhum momento o CNPq, a Capes e a Fapesp, nem a Faperj, nem a Fapemig, para citar algumas agências de fomento, falaram que precisavam fazer tal ação por causa do PNE. Essa meta foi cumprida porque ia ser mesmo, pelas decisões das agências de fomento, sem correlação com o PNE. Fazia parte de outro programa, estava no departamento de ciência e tecnologia, de formação de quadros para as universidades”.

Isso me fez pensar também em outra coisa: encontro-me, enquanto escrevo estas linhas, na Biblioteca Hayden do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, onde estou visitando o grupo do prof. David Kaiser. O prof. Kaiser é um físico teórico e historiador da ciência com profundo conhecimento das duas áreas. Em seu recente livro, *How the Hippies Saved Physics*, ele conta a história de como um grupo de físicos “rebeldes” que, ao se voltaram para entendimento de questões de cunho mais fundamental na mecânica quântica, seguindo um caminho oposto àquele preconizado nas academias, acabaram por revolucionar a

física de hoje. Eles foram, por assim dizer, os precursores daquilo que hoje chamamos de “informação quântica”. O livro é uma leitura muito agradável, mas o fato que mais me chamou a atenção foi o efeito da política do pós-guerra, onde prevaleceu na física a mentalidade do “shut up and calculate” (cale-se e faça as contas), ou seja, a ideia de que era mais importante calcular do que preocupar-se com questões de cunho mais fundamental. Na onda do crescimento estrondoso do número de estudantes de pós-graduação, surgiram livros embuidos deste espírito, deixando de lado questões fundamentais - a interpretação da mecânica quântica, neste caso - em detrimento de uma formação mais técnica. O importante era saber fazer as contas. Devemos assim pensar que, se crescer é importante e fundamental para o nosso país, para qual direção queremos realmente crescer?

Mais uma vez, enquanto editor, gostaria de agradecer a nossos colaboradores, pois sem suas submissões nossa revista não poderia existir.

A todos uma boa leitura!

Silvio R. Dahmen

